

QUADRINHOS DA PARAÍBA



30 ANOS DE HISTÓRIA

QUADRINHOS DA PARAÍBA

Editor
Juca Pontes

Editor-Adjunto
Marcos Tenório

Redação
Marcos Tavares
Marcos Tenório

Colaboradores
Eduardo Souza Lima
Edilberto Coutinho

Capa
Milton Nóbrega

Coordenação Gráfica
Nilton Tavares

Composição
Ipérides Pereira Gomes
Lúcio Flávio
Martinho Sampaio

Arte
Tonio

Revisão
Antônio Moraes

Fotolito
REPRINT

O CELEIRO PARAIBANO

A Paraíba da seca e da viola também faz quadrinhos. Com uma teimosia característica dos nordestinos, desenhistas, roteiristas se uniram para fazer desse Estado um celeiro de grandes valores que já desembocam no cenário mundial.

Deodato Borges – pai e filho – Cristovam Tadeu, Emir Ribeiro, Tônio & Tenório, Henrique Magalhães e Assis Valle, são alguns dos nomes que pontificam na linha de frente da HQ paraibana, cada um a seu estilo, cada um com seu traço e sua temática característicos.

A história dos quadrinhos da Paraíba não é uma história fácil, mas pode ter um final feliz. O poder público, através dos órgãos culturais, tem sido o grande mecenas dessa aventura que sai das páginas, ganha corpo e vida em cada novo personagem que entra nas HQ.

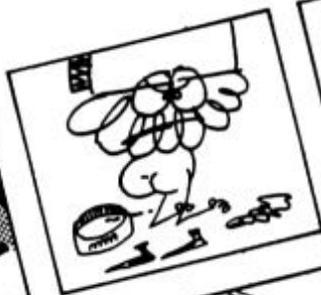
Esse trabalho é uma pequena mostra do que a Paraíba produz na área de quadrinhos. Diversão e talento juntos para mostrar que a nossa história está apenas começando.

Da revista "As Aventuras do Flama", publicada, em 1963, em Campina Grande, com textos e desenhos de Deodato Borges, até o "Miraclemán", de Alan Moore e Deodato Filho, já se vão trinta anos.

E ainda temos muita HQ pela frente.



QUADRINHOS DA PARAÍBA



30 ANOS DE HISTÓRIA

SUMÁRIO

-
1. 30 anos das Histórias em Quadrinhos na Paraíba, Marcos Tenório/5

 2. ASSIS VALE – Cuca, das tiras à revista própria/9

 3. O FLAMA, 30 anos de história/14

 4. Portfólio/15

 5. DEODATO BORGES – O caso do dragão vermelho/16

 6. Outro Deodato, 30 anos depois/30

 7. Brasileiro desenha herói de Alan Moore, Eduardo Souza Lima/31

 8. Deodato, ou Mike dos States, Edilberto Coutinho/32

 9. DEODATO BORGES FILHO – VersoReverso/33

 10. HENRIQUE MAGALHÃES – Maria, uma solteirona conscientizada/38

 11. TÔNIO & TENÓRIO – O Conde, um vampiro neurótico/42

 12. EMIR RIBEIRO – Velta, uma loura boazuda/46

 13. CRISTOVAM TADEU – Bartolo, Lampirão, Ostradamus e tiras afins/52
-





O 'Flama' saindo da rádio-novela para os quadrinhos

Tudo começou em Campina Grande e ainda mais que agora, estamos na comemoração dos

30 anos das Histórias em Quadrinhos na Paraíba.

MARCOS TENÓRIO

O movimento das Histórias em Quadrinhos na Paraíba foi iniciado em março de 1963, e não poderia dar outra: Campina Grande

foi a pioneira na produção, graças ao trabalho de Deodato Borges com 'As Aventuras do Flama', quadrinização de um programa radiofônico ao nível de 'Jerônimo, o Herói do Sertão' que era produzido no Sul do País e retransmitido por emissoras pernambucanas.

'As Aventuras do Flama' causou grande impacto na cidade, onde era transmitido pela Rádio Borborema no início dos anos 60, conseguindo manter grande audiência em seu horário e se tornando conhecido pelos campinenses.

O programa era constituído de um narrador e fazia distribuição de brindes com os ouvintes, principalmente os Drops Dulcora e outros produtos (balas e chocolates) da Nestlé, com patrocínio local da empresa O Mundo dos Chocolates.

E para presentear os ouvintes Deodato transformou 'As Aventuras do Flama' em história em quadrinhos. A revista era produzida no tamanho 16 (meio ofício), em clichê, impressa em tipografia, com

O Índio Auré, de Xico Araújo: a gozação dos silvícolas com o nosso dia-a-dia



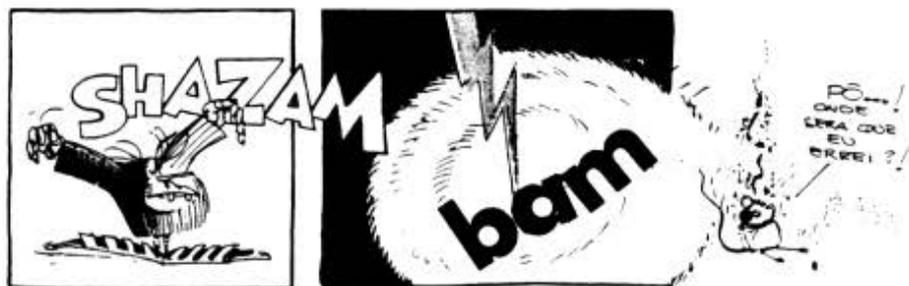
uma tiragem de 1.500 exemplares, com 40 páginas e capa em duas cores.

No ano de 1971 apareceu no jornal alternativo 'Edição Extra' a personagem Bat-Madame, desenhado por Luzardo Alves e texto de Anco Márcio. Os dois autores faziam parte da editoria do jornal e como Anco chegou a afirmar "não havia uma preocupação anterior em fazer quadrinhos e Bat-Madame surgiu para aproveitar fechamento de páginas, pois Luzardo, como chargista do jornal, criávamos sátiras incríveis sobre a nossa realidade", transformando em tragicomédias as situações mais usuais do dia-a-dia dos paraibanos.

A ironia iniciava pela personagem, uma visão eschachada de Batman. A dupla contribuía de maneira fundamental para a inovação das histórias em quadrinhos, com o traço caricatural e pouco convencional, Luzardo produzia um efeito metalingüístico e não havia limite estrutural em Bat-Madame. Muitas vezes ela interrompia o argumento lógico da história e se dirigia diretamente ao leitor, uma situação inovadora na época, se não, pouco usual, se é que já existia nos quadrinhos mundial.

Bat-Madame, como 'Edição Extra' teve vida curta, não passan-

o conde tônio



No traço personalizado de Tônio, uma tira d'O Conde e...

o conde tônio & tenorio



... o filho dele na sala de aula. O início da família d'O Conde.

do de duas dúzias de edições, apesar da ótima aceitação pelos leitores, teve que parar por falta de cobertura dos custos gráficos e por mais que fossem minimizados não poderia sobreviver de sua comercialização à falta da venda de espaços publicitários, prova da falta de apoio do comércio e indústria.

Ainda nas páginas de 'Edição Extra', vale ser registrado uma história em quadrinhos assinada por Flávio Tavares, 'Justino, o Guarda; uma sátira ao cotidiano e uma crítica ao poder de autoridade, ao lado de irreverentes histórias quadrinizadas de 'Adão e Eva no Paraíso', da dupla Luzardo-Anco, sobre a

TOM MATE — clésio



Tom Mate, de Clésio: lagartas e outros bichos azucrinando nossos temperos



Maria, de Henrique Magalhães: a conscientização nos quadrinhos

criação da humanidade, porém sem a frequência de publicação da Bat-Madame.

Em 1973 o jornal O Norte passaria a ser impresso em Off set, foi quando os quadrinhos passaram a ter vez, e o início da publicação das histórias em quadrinhos diários. Eram cinco tiras de personagens de Maurício de Sousa e três tiras de autores paraibanos.

Nas páginas do 2º Caderno de 'O Norte' foram publicados personagens como: 'Adub, o Camelo', de Juca e Marcos Tavares; 'Planeta Maluco' de Deodato Borges; e 'Shangai' de Richardi Muniz. Na época, todos autores das tiras eram funcionários do jornal do grupo Diários Associados. Adub era uma das melhores tiras já publicadas, uma sátira política à guerra no Oriente Médio e feita com muita ironia e sarcasmo.

Planeta Maluco, uma produção satírica sobre as aventuras de uma extra-terrestre que ao chegar à Terra se chocava com o maior inferno que é a vida do homem e a luta pela sobrevivência no meio urbano. O 'Shangai', de Richardi, uma tira mais espelhada nos clássicos dos quadrinhos com um primoroso traço, se igualando a José Luiz Salinas com seu Cisco Kid. Richardi Muniz também trabalhava com textos de Marcos Tavares.

Aos poucos, as tirinhas de 'O Norte' foram sumindo porque

aqueles profissionais, passaram a diversificar atividade, uns para o ramo publicitário e outros simplesmente se afastaram pela falta de reconhecimento profissional de seus trabalhos.

Em 1974 o jornal oficial A União também entrava na era do off set quando aparecia Assis Vale, um garoto na época com apenas 13 anos e entregava as primeiras tiras de 'Cuca'. Assis Vale foi considerado o pioneiro na publicação de uma história em quadrinhos independente, pois ele próprio desenhava a revista e cavou patrocínio na iniciativa privada, conseguindo poucos recursos, tendo que arcar com quase 90 por cento dos custos da produção gráfica.

A revista do Cuca, tamanho 16, capa em duas cores, 36 páginas, e miolo em preto e branco. Cuca, uma versão mista de Charlie Brown, Mafalda e Cebolinha, só que falava correto e não trocava o 'L' pelo 'R', uma criança que falava, pensava e agia como uma criança, mas altamente inteligente, uma personagem infantil, para um público adulto, sem com isso deixar de agradar às crianças.

Assis iniciava nas páginas do 2º Caderno de 'A União', depois publicou o Cuca em revista dentro de programação da Oficina Literária, da Secretaria Estadual da Educação e Cultura.

Naquele ano de 1974, eu as-

sinava uma coluna quase que diária sobre histórias em quadrinhos no jornal A União, quando me chegou às mãos um material que não deixava dúvidas: de um jovem que à primeira vista demonstrava que teria um grande futuro pela frente, era Deodato Taumaturgo Borges Filho. E filho de quem é não podia ser diferente.

Era uma ficção que se passava no ano 3.000. O trabalho era altamente influenciado pelos traços e estilo de Esteban Maroto, de 'Cinco por Infinito'. Aquela produção tinha texto de Deodato pai e desenhos de Deodato filho. O material com excelente roteiro numa quadrinização dinâmica proporcionando extraordinário visual.

O estilo de Deodato Filho em '3.000 Anos Depois' se apresentava nas figuras bem calcadas no texto, traços de fundo e fisionômicos refletindo toda uma preocupação com o cosmos. As imagens falavam por si só e acionavam a inteligência do leitor para compreensão de emoções adjacentes à cada cena dos quadrinhos que eram apresentados em diversas formas.

O contexto narrativo, com os desenhos mostrando sua força na iluminação dos jogos de sombra em pessoas, na perfeição dos figurantes e objetos enfocados.

Ainda hoje, o trabalho de Deodato Filho é apresentado com magnífica perícia que dão à finalização dos quadros fulgor anatômico dentro de uma grande lógica motora. Dentre outras produções quadrinizadas, Deodato Filho chegou até a ilustrar a 'História da Parafba em Quadrinhos', na programação do 4º Centenário da Parafba, com texto e pesquisa histórica do Deodato Borges, o pai.

Junto com Emir Ribeiro, Deodato Filho produziu uma aventura de 'Ninja', criação sua, com a per-



Ostradamos, de Cristovam Tadeu. Gozação dos nossos usos e costumes.

sonagem Velta. Um excelente trabalho a quatro mãos, que salvo engano, foi produzido pela Oficina Literária, da Secretaria Estadual de Educação e Cultura.

Mas foi em 1975 que apareceu 'O Conde', feliz criação de Tônio, o texto nosso. Na produção d'O Conde, Tônio desenvolvia um traço com originalidade tão grande que à primeira vista se julgava tratar-se de um grande desenhista internacional.

A bem da verdade, Tônio dividia comigo a produção de algumas tiras, principalmente, quando ele entrava de férias, como funcionário do jornal que era. Nós fazíamos um trabalho integrado às vezes eu daria texto ou a idéia e Tônio desenvolvia e a cada dia se notava mudança na estrutura psicológica d'O Conde, um anti-herói que gostava de sangue. Um vampiro que estava sempre à procura de uma vítima, mas na realidade, nunca as conseguia e a cada tentativa fracassada, O Conde se tornava cada vez mais neurótico. Chegou a um determinado tempo que foi preciso dar-lhe esposa, filho, cunhado, sogra etc.

Sobre O Conde, jornalista e crítico Antonio Barreto Neto chegou a publicar, "produto da cultura de massa, O Conde reflete também as neuroses mais pertinentes da sociedade de consumo. Tem as mesmas deformações psicológicas, os

mesmos complexos, os mesmos temores dos filhos da tecnologia. E naturalmente, também as mesmas frustrações: quando grita *Shazan!*, esperando transformar-se no Capitão Marvel ou num super-vampiro, termina regredindo à condição de um mísero rato. Por isso, talvez, não queira perder a vinculação com o arquétipo clássico. E usa morceguinhos para levar mensagens à namorada, ao invés de pombos-correios. Tônio e Tenório conseguem transgredir o natural e, através do sobrenatural, manejar com sutileza o humor ao ponto de desencadear o riso".

Nesta época também surgia outras personagens nos quadrinhos paraibanos, como 'Maria', de Henrique Magalhães. Uma mulher baixinha, de cabelos encaracolados, Maria é uma solteirona sempre em busca de um marido. Mas com o amadurecimento da personagem ela deixou de ser uma caça-maridos para entrar na estrutura de personagem conscientizada, bem ao estilo de seu criador, deixando a função de fazer rir, para provocar reflexão em situações que a rodeavam. Henrique Magalhães faz uma crítica mordaz à classe média, mostrando os conflitos psicológicos, anseios e frustrações que cercam a Maria.

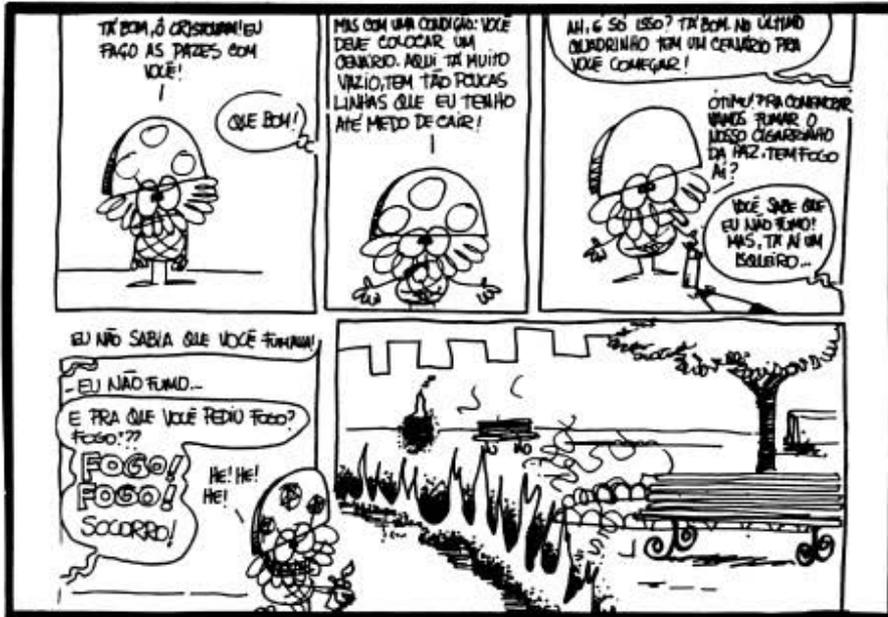
Ainda em 1975, a partir de modelos norte-americanos aparecia em A União, Velta — posteriormente passaria a ser grafada como

Velta —, de Emir Ribeiro que teve suas primeiras histórias em 1973 num jornal-mural de colégio. É uma brasileira, de Belo Horizonte de estatura mediana que pode se transformar em uma louca de quase dois metros e que tem a capacidade 'ativar' sua força mental, se movimentar com grande velocidade e agilidade mental rápida, que sai em busca de aventuras no combate de criminosos e malfeitores.

Num traço mais sofisticado Velta está comemorando 20 anos de publicação com um estudo mais apurado e claro-escuro, cortes e angulações que nada fica a dever ao trabalho dos melhores desenhistas de Histórias em Quadrinhos internacionais.

Sem observar ordem cronológica, lembramos outros criadores e personagens de quadrinhos, como 'as Cobras' de Marcos Nicolau; 'Tom Mate', de Clésio; o índio 'Auré', de Xico Araújo; 'Os Pirralhos', de Henrique Magalhães; 'Dadá', de Domingos Sávio; 'Nego Duda', de Tarso e Clístenes; 'Pingo' de Napoleão Junior; 'Zezinho e Zezinha', de Hélio Magalhães; 'Key France', de Rejane Alves; 'Cangu-Fu', de Domingos Sávio; 'O Cobrinha' de Joselito Arruda; 'Calingalo', de Mirson Junior; Itabira', de Emilson e Emir Ribeiro; 'O Imortal', de Alberto Junior; 'Homodiscos' de Rejane Alves; 'Beco', de Rosiel; 'Dido' de Bulhões e Mendes; e 'Dyno' de Daniel Graneros, um dinossauro, que foi publicado em revistas próprias, inclusive, o Dyno foi transformado em logo-marca da loja Gran-Pires, de Creuza e Adrião Pires, instalada no Parque Solon de Lucena, onde hoje está a Mesbla da Capital paraibana.

'Shifazum' foi outra personagem criada por Roberto Soares. Citamos ainda Silvano Bezerra quadrinista a mancheia, que produzia



Lampirão, de Cristovam Tadeu: o uso da metalinguagem nos quadrinhos

personagens para a Gazetinha, um tablóide editado em Campina Grande.

Tivemos ainda outros criadores e personagens que ainda hoje estão sendo publicados, como o

'Lampirão', 'Herr Fróide' e 'Ostradamus', de Cristovam Tadeu. Lampirão, uma sátira ao Virgolino cangaceiro que além de tiras publicadas em O Norte e Correio da Paraíba, saiu na revista Marca de Fanta-

sia que foi editada por Henrique Magalhães. Ostradamus uma outra sátira ao profeta Michel Nostradamus, de igual modo, Herr Fróide, que também goza com nosso dia-a-dia, via Sigmund Freud. Em todos personagens, Cristovam Tadeu abusa da metalinguagem nos quadrinhos.

São 30 anos de um movimento que teve uma semente plantada com o advento do sistema off set e o incentivo de profissionais do calibre de um Evandro Dantas da Nóbrega, Antonio Barreto Neto e Luiz Augusto Crispin, que está sendo continuado por Henrique Magalhães, Marcos Nicolau, dentre outros, uma geração que se profissionalizou e merece o reconhecimento dos mais exigentes *connoisseurs* das bandas dessinées, fumetti, historietas e comics, como são conhecidas as histórias em quadrinhos pelo mundo.

CUCA assis valle



Cuca, das tiras a revista própria

Aos 13 anos de idade, em 1974 Francisco de ASSIS VALE Cavalcante publicou a revista Cuca, com o personagem central acompanhado de sua turma, inicialmente inspirado nos personagens de Charles M. Schulz e Maurício de Sousa. Assis Vale publicou tiras nos suplementos de quadrinhos de O Norte, A União e Correio da Paraíba. A partir do segundo número, o Cuca, adquiriu substancial estrutura política e a apresentar um universo bastante crítico de tal forma que passou a questionar a estrutura política do regime de então, as lutas sociais e cotidianas. Correspondências para R. Almeida Barreto, 261 - 1º andar - Centro - João Pessoa - Paraíba.



Assis Vale auto-retratado aos 15 anos









FLAMA

30 ANOS DE HISTÓRIA



De repente, passaram-se 30 anos.

Os meninos de ontem, que assistiram, com muita emoção, ao lançamento da revista "As aventuras do Flama", em 1963, mal podem acreditar que o tempo tenha passado tão rapidamente.

Mas eles aí estão, beirando a casa dos 40/45 anos de idade, para comprovar a passagem dessas três décadas, a maioria deles guardando, com extremo carinho, um exemplar daquela publicação que seria a pioneira, no gênero das histórias-em-quadrinhos, no Nordeste.

Na entrevista que se segue, Deodato Borges nos conta, com detalhes, como tudo aconteceu.

HQ – Como surgiu a idéia de editar uma revista de HQ, numa cidade do interior paraibano, em 1963?

DB – Idéia, praticamente, não houve: a revista foi, por assim dizer, uma consequência do momento que estava vivendo. "As Aventuras do Flama", antes de virar HQ, era o título de uma novela radiofônica de sucesso, feita para concorrer com os seriados "Jerônimo" e "O Anjo", irradiados por emissoras cariocas e com grande audiência em todo o Brasil. Na Paraíba, "O Flama" tomara conta do mercado, mas os seus concorrentes eram heróis dos quadrinhos, através de revistas editadas pela RGE. A nossa revista viria preencher essa lacuna.

HQ – Quer dizer que o sucesso do "Flama" não surgiu com a revista...

DB – Claro que não. Há três anos que o seriado era apresentado pela Rádio Borborema, de Campina Grande, com sucesso total, já que as pesquisas, na época, mostravam um índice de audiência em torno dos 100 por cento. Faltava, assim, a complementação.

HQ – O aparecimento da revista era, portanto, uma contingência normal...

DB – Nem tão normal assim. Uma coisa era a RGE publicar as histórias dos seriados cariocas, contando, para tanto, com vários desenhistas e um moderno equipamento gráfico. Outra coisa, bem diferente, era publicar uma revista do nosso herói, com um único "rabisgador" e toda feita na base do clichê.

HQ – Era a editora do "Eu Sozinho".

DB – Exato. A mesma mão que escrevia os capítulos da novela radiofônica, preparava os argumentos da HQ e as desenhava.

HQ – Compensou?

DB – Claro que sim. Os primeiros 1.500 números foram comprados na "boca" da máquina impressora. Ainda quentes. Poucos chegaram às bancas. Quando anunciei, ao término do capítulo da novela, que a revista estava pronta, centenas de crianças, ávidas por conseguir um exemplar, invadiram a emissora. Foi um Deus nos acuda.

HQ – E o trabalho continuou por muito tempo?

DB – Não. Neste mesmo ano, transferi-me para o Recife, onde passei a dirigir a Rádio Clube de Pernambuco. O seriado radiofônico, incluído na programação daquela emissora pernambucana, alcançou idêntico sucesso. Só que não deu para continuar publicando a revista. A certeza da repetição do sucesso estava latente, mas faltava-me tempo.

HQ – Nos desenhos do primeiro número de "As Aventuras do Flama", muita influência de Will Eisner e Alex Raymond, hein?

DB – Não era só influência. Por vezes, cheguei a copiar mesmo, adaptando alguns desenhos à outras situações. Os mestres que me perdoem, mas não havia outra saída...

HQ – Não pensa em voltar a desenhar o "Flama"?

DB – Já me senti tentado, mas o meu inimigo de sempre – o tempo –, não me deixa em paz. As poucas horas que me sobram é para respirar. Por enquanto, vamos ficar apenas com o Portfólio.

HQ – Alguma mensagem para os jovens desenhistas?

DB – Continuem acreditando numa HQ nacional, de boa qualidade, competitiva e admirada. Para tanto, dêem tudo de si na produção de uma história. Ponham a arte antes do cifrão. Caprichem. Só assim poderão conquistar um espaço neste imenso mercado, que é o mundo.





Deodato Borges
APRESENTA:



O CASO
do DRAGÃO
VERMELHO!



É noite alta. O silêncio é completo. No 11º andar de um edifício, Jorge Moreira lê um livro, numa sala iluminada apenas pela lâmpada de um quebra-luz. Homem de meia idade, vive sozinho, separado da esposa. Súbito, ouve um ruído estranho no apartamento. — «Quem está aí?» — pergunta. Um tiro certeiro é a resposta.



A bala acerta-lhe o coração. E ele cai, já sem vida, pesadamente, sobre o tapete azulado. Volta o silêncio ao apartamento semi-escuro. Ante as vidraças da janela, uma sombra sinistra tudo observa. Na rua, trila o apito de um policial. A sombra se movimenta, rapidamente. Com agilidade incrível, abre a janela e desce pela escada de incêndio.



Minutos depois, alguém bate na porta.

Na sala, o vento, entrando pela janela aberta, movimenta os cabelos do morto, estirado sobre o tapete, sinistramente. A porta é derrubada. Entram policiais. O comissário Laurence na frente. — «Que é isso?» — pergunta a si mesmo o homem da lei. E apanha, junto a vítima, um pequeno dragão vermelho.



Cravado na porta do apartamento, um punhal prende um bilhete.





QUANDO O AUTOMVEL DO FLAMA CHEGA AO DESTINO, OLHOS ANCIOSOS O OBSERVAM...

ATÉ QUE ENFIM... SÃO ÊLES QUE CHEGAM!

O NOSSO HEROI OUVI, MOMENTOS DEPOIS, A VOZ NERVOSA DE UM HOMEM AMEAÇADO DE MORTE...

EU CONTAREI TUDO O QUE ACONTECEU, DÊSDE QUE VIAJAMOS 'A INDIA...

"CHEFIANDO UMA EXPEDIÇÃO, FUI À CIDADE PROÍBIDA DE ANKAR, ONDE PRESENCIEI A ADORAÇÃO DO DRAGÃO DE OURO. FOI QUANDO ALGUÉM FEZ SOAR UM GONGO DESCOMUNAL..."

ÊLES NOS

VIRAM!

Quadrato
Borges

"OS GUARDAS DO TEMPLO NOS PERSEGUIRAM..."



"CONSEGUIMOS FUGIR, MAS A MALDIÇÃO DO GORDO E BARBUDO SACERDOTE FICOU RESSOANDO EM NOSSOS OUIDOS..."



A MALDIÇÃO DO DRAGÃO VERMELHO OS DESTRUIRÁ!

EU E OS MEUS QUATRO COMPANHEIROS NÃO ACREDITAMOS NAQUELA MALDIÇÃO... MAS JORGE RECEBEU O DRAGÃO VERMELHO E PROCUROU-ME.



"ESTAVA MUITO NERVOSO. CONVINCI-O DE QUE AQUILO FÔRA UMA BRINCADEIRA DE MAU GOSTO DE ALGUÉM. AO CHEGAR EM CASA..."



AGORA... É A MINHA VEZ!

OH, UM BILHETE!





O FLAMA ENTRA EM AÇÃO!





ELIANA ESTA PREOCUPADA...

O FLAMA NÃO ATENDE O TELEFONE. QUE TERA ACONTECIDO? FALAREI COM BOLÃO...



BOLÃO JA' PROCURAVA ELIANA...

QUER DIZER QUE O FLAMA ESTÁ EM PERIGO, BOLÃO?

ESTÁ, SIM. EU IA CHEGANDO NA CASA DÊLE, QUANDO VÁRIOS HOMENS ARMADOS O FIZERAM ENTRAR NUM AUTOMÓVEL.



ÊLES ENTRARAM NÊSTE VELHO PRÉDIO, ELIANA.

VAMOS ENTRAR, BOLÃO...



É NO TERCEIRO ANDAR DO EDIFÍCIO...

NÃO ME RECONHECEU AINDA, HENRIQUE? DEIXE-ME TIRAR A MÁSCARA DE BORRACHA QUE ME COBRE O ROSTO...





UM BANDIDO CONDUZ ELIANA E BOLÃO A PRESENÇA DO CHEFE...

ÊLES ESTAVAM ESPIONANDO, HEIN?
AMARREM-NOS!



COLOCANDO A MÁSCARA DE BORRACHA, O CRIMINOSO CHEFE DOS BANDIDOS DIZ...

VAMOS INCENDIAR ÊSTE PREDIO!
VOCÊS MORRERÃO NO INCÊNDIO
E, AMANHÃ, EU SEREI O ÚNICO
DONO DA FÁBRICA! ADEUS, AMIGOS...
SEJAM FELIZES!



EM BEM POUCO TEMPO, AS CHAMAS ATINGEM O 3º ANDAR, ONDE SE ACHAM OS NOSSOS HEROIS...

AS CORDAS QUE NOS PRENDEM SÃO RESISTENTES...
MAS ESTOU TENTANDO QUEIMÁ-LAS NAS LABARÊDAS QUE ENTRAM POR BAIXO DA PORTA!



O FLAMA SUPORTA AS QUEIMADURAS TERRÍVEIS...



... E CONSEGUE SOLTAR-SE!

O COMISSÁRIO, BOLÃO E O SR. HENRIQUE DESCEM PE-
LA ESCADA DE INCÊNDIO...



ELIANA DEBEMAS, EM CONSE-
QUÊNCIA DA FUMAÇA, EN-
QUANTO O VELHO PRÉDIO
COMEÇA A RUIR...

O FLAMA AINDA NÃO DES-
CEU E O PRÉDIO ESTÁ
RUINDO!



O FLAMA, COM ELIANA EM
SEUS BRAÇOS, RESOLVE TEN-
TAR O QUE PARECE IM-
POSSÍVEL...

SALTAREMOS
PARA O EDI-
FÍCIO AO
LADO!



O FLAMA SALTA DE
UM EDIFÍCIO PARA
OUTRO!



NO ESCRITÓRIO DA FÁBRICA,
O CRIMINOSO
DE ALEGRIA... EXULTA

AGORA, JÁ PODEMOS TIRAR AS
"FANTASIAS", RAPAZES. VOCÊS
SERÃO RÉGIAMENTE RECOM-
PENSADOS!



A GARGALHADA DO ASSASSI-
NO MORRE NA GARGANTA

ATÉ O FLAMA ESTÁ MORTO!
AH-AH-AH-AH---

ENGANA-
SE!

QUEM?



O
FLAMA



DESTA VEZ, VOCÊ NÃO
ESCAPARÁ!



O COMISSÁRIO E BOLÃO APONTAM SEUS RE-
VÓLVORES PARA OS BANDIDOS, MAS O FLA-
MA É ATACADO PELO CHEFE!

ESTOU PERDIDO, MAS
VOCÊ...

MORRERÁ!





Outro Deodato, 30 anos depois

Ele é hoje, sem dúvidas, o maior e mais bem sucedido desenhista da Paraíba: Deodato Borges Filho – ou como querem seus editores americanos, MIKE DEODATO, JR. (vê artigos de Eduardo Souza Lima e Edilberto Coutinho) –, e um dos maiores do Brasil no seu gênero. Começou a publicar seus trabalhos em revistas independente e através de editoras do Sul do País, sem antes publicar charges e cartuns nos jornais A União, Correio da Paraíba e O Norte. Formado em Comunicação pela UFPB, nasceu em 1963, quando na época, seu pai produzia em Campina Grande a revista As Aventuras do Flama, baseada num personagem de aventuras radiofônicas (vê artigo de Marcos Tenório) Deodato Filho mereceu destaque ao ser convidado, junto com outros brasilei-



Deodatos pai e filho: produção crítica nos quadrinhos paraiibanos

ros, como Angeli, Luiz Gê, Henfil, do XIII Salão Internacional de Angoulême, na França, e do IX Congresso Internacional de Histórias em Quadrinhos, e ainda mais, no programa domingueiro da Re-

de Globo de Televisão, Fantástico, em meados deste ano. – Para correspondência: Deodato Filho – Rua Antonio Gama, 600 – Apartamento 101 – Tambauzinho – CEP 58041-110 – João Pessoa-PB.



Um detalhe de quadrinização da História da Paraíba, com texto de Deodato pai e ilustração de outro Deodato, o filho

Brasileiro desenha herói de Alan Moore

EDUARDO SOUZA LIMA

Miracleman, quem diria, acabou em João Pessoa. Sorte dele. O mais popular herói inglês dos quadrinhos dos anos 50, resuscitado no início da década de 80 por Alan Moore ("Watchmen") entra em nova fase e passa a ser desenhado pelo paraibano Deodato Filho. E o sujeito desenha bem à beça. Deodato é apenas um dos muitos artistas brasileiros que começam a se infiltrar no mercado de quadrinhos americano. Os editores da terra do Tio Sam estão de olho não só no talento dessa gente bronzada, mas também na sua seriedade sua mão-de-obra barata. As estrelas americanas são por demais temperamentais, cobram caro e querem ser donas do próprio nariz – muitos artistas estão abrindo sua própria editora, vide o caso Image, de Todd McFarlane e outros.

Deodato já tem trabalhos publicados pelas editoras Tundra, Malibu e Innovation. Para a última está desenhando atualmente a revista "Beauty and the beast", com histórias baseadas na série de TV homônima – que no Brasil se chamou "A bela e a fera". Fã de Neal Adams – "ele é Deus", diz – Deodato também está desenhando "Híbrides" para a Continuity, editora do seu ídolo, com arte final do próprio. Seu maior desafio, contudo, vai ser encarar "Miracleman".

– Estou nas nuvens, mas com um medo da *bixiga*. Vai ser difícil fazer algo que chegue aos pés do



Detalhe de capa da revista "Beauty and the Beast" Deodato Jr. e produzida pela editora norte-americana Innovation.

que o John Totleben (desenhista de "O Monstro do Pântano") já fez – diz Deodato.

Miracleman foi criado em 1954 por Mick Anglo. Inicialmente chamado Marvelman, ele foi encomendado para preencher a lacuna deixada pelo Capitão Marvel, depois que o herói deixou de ser publicado na Inglaterra. Alan Moore retomou o herói na década de 80, modificando por completo o seu conceito – estas primeiras histórias foram publicadas no Brasil pela editora Tannos, em 1989. Depois de Moore, as aventuras do herói passaram a ser escritas por outro bamba dos quadrinhos: Neil Gaiman, o roteirista

de "Sandman", Gary Leach, Alan Davis ("Excalibur"), Paul Neary, John Totleben e Mark Buckingham desenharam o personagem, que volta agora à estaca zero sua revista passa a se chamar "New Miracleman" – com roteiro de Fred Burke e desenhos do Deodato. Ou melhor, Mike Deodato Jr., que é como o paraibano assina nos Estados Unidos.

– Foi exigência dos editores, porque existe preconceito lá fora contra nomes latinos. É um nome afrescalhado, mas não tem importância; quando eu ficar famoso eu mudo – brinca.

Transcrito do jornal O Globo, edição de 2 de agosto de 1993.

Deodato, ou Mike dos States

EDILBERTO COUTINHO

Ele nada perdeu de sua paraibanidade. Mas, nos Estados Unidos, é conhecido como Mike Deodato Junior.

O brasileiro Deodato Borges Filho teve no pai o primeiro exemplo. Em seguida, um coruja admirador.

O pai estava certo. Deodato Filho levou o *Miracle Man* para João Pessoa. Em sua novíssima fase, nos States, o herói inglês mais popular dos quadrinhos nos anos 1950 – refeito nos 80 por Alan Mooren como *Watchman* – tem o traço paraibano e universal de Deodato Filho.

Autor também, por sinal, de *Leo Protheus*, espécie de *policia futurista* (como classifica o autor), saindo com sucesso em Lisboa.

Foi Deodato Senior – o pai, é claro – quem fez o filho ler histórias em quadrinhos. Tempo de ainda menino, em Campina Grande. Adolescente, Deodato Filho publica desenhos nos jornais da Capital. Torna-se colaborador de *A União*, e logo vem a parceria pai e filho no álbum *Três Mil Anos Depois*.

O Pai, Deodato Borges, fora o criador do primeiro personagem em quadrinhos feito na Paraíba: o Flama, em 1963.

Só se passaram trinta anos, e o filho é famoso na terra-padrão dos melhores *comics* do mundo.

Por que assinar como Mike Deodato Jr., que é como se tornou de circulação universal? Exigência dos editores americanos, diz

Do álbum 3.000 Anos Depois, com texto de Deodato pai e ilustração de Deodato Filho, (ou Mike Deodato Junior), o álbum é uma obra de ficção quadrinizada produzida em 1984 pela Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba.



Deodato Filho. Promete, com jeito malicioso: “Quando ficar famoso, eu mudo.”

A nova revista do *Miracle Man* se chama agora – com roteiro de Fred Burker e desenhos de Mike Deodato – *New Miracleman*. Mas o desenhista paraibano está em outras. Editoras como Thundra, Malibu e Innovation têm publicado seus trabalhos. E novas solicitações chegam a João Pessoa.

Alguém falou em milagre. Em santo de casa (isto foi na Paraíba, parece) que faz milagre. Nada disso. O *milagre* de Deodato Filho se chama trabalho. Para ele, se necessário, “não tem sábado nem domingo”, como Josué Montelo, dorme apenas quatro horas por dia: “A gente tem que dedicar-se de corpo e alma”, avalia.

A propósito de Josué: Aos 70 anos se declarou mais velho do que Austrágésilo de Athayde, à época já passou dos 80. Isto, contando o tempo de vida que ambos passaram acordados. Trabalhando. Com igual raciocínio, Deodato Filho poderá dizer, talvez, que é mais velho do que o pai. Embora, no caso, sejam ambos do time do *workabolics*. Como se diz, nos States, da religião dos que fazem do trabalho um prazer permanente. No caso, com excelentes resultados.

Parabéns, Deodatos.

Transcrito do jornal *A União*, edição de 16 de agosto de 1993.

NOVEMBRO, 1932
 CANSADO, FAMINTO E SEDENTO,
 UM GRUPO DE CANGACEIROS, SOB
 O COMANDO DE LÂMPIÃO, AVANÇA
 LENTAMENTE EM DIREÇÃO AO
 RASO DA CATARINA, ENTRE
 JEREMOABO E MONTE SANTO,
 EM BUSCA DE ÁGUA, PRINCIPALMENTE,
 QUE TEINHA EM NÃO SURTIR
 NA VASTIDÃO DO
 DESERTO.



VERSO REVERSO



A VENTANIA
 TÁ FORTE,
 CAPITÃO!

DEVE SÊ
 UM PÉ-DE-
 VENTO, VOLTA
 SECA.

MAS AS RAJADAS DE
 VENTO AUMENTAM,
 LEVANTANDO NUVENS
 DE POEIRA, ATÉ QUE
 ENVOLVEM OS CANGACEI-
 ROS POR COMPLETO,
 CAUSANDO PÂNICO
 ENTRE HOMENS
 E ANIMAIS.

QUE
 BREGUEÇO
 DOS SEISCENTOS
 DIABOS É
 ESSE, MINHA
 GENTE?



NUNCA
 VI VENTA
 DESSE
 JEITO!

DEODATO
 FILHO

DMF 17/84

TEXTO: DEODATO BORGES ARTE: DEODATO FILHO

NOVEMBRO, 1962. INSTITUTO NINA RODRIGUES, DA FACULDADE DE MEDICINA DE SALVADOR.



OS JORNAIS VOLTAM A FALAR SOBRE O ASSUNTO. TEMOS QUE TOMAR UMA ATITUDE!

NÃO PODEMOS PERDER AS CABEÇAS, E AQUI VALE UM DUPLO SENTIDO. ELAS SÃO UMA ATRACÇÃO DO MUSEU, SÃO CONHECIDAS INTERNACIONALMENTE. POR QUE SEPULTÁ-LAS? ISSO É PURO SENTIMENTALISMO. O VALOR CIENTÍFICO DEVE SER MAIOR.



E, EM PLENO CENTRO DE SALVADOR...



OLHEM SO AQUILO!

SERÁ UMA NOVELA DE TVÉ SOBRE LAMPIÃO?

PARECE CENA DE UM FILME!

CONFUSÃO TREMENDA NO TRÂNSITO. A POLÍCIA É CHAMADA, MAS OS ESTRANHOS CAVALEIROS CONTINUAM MARCHANDO, UM POUCO ASSUSTADOS COM TUDO AQUILO.



QUE DIABO DE LUGAR É ESSE, CAPITÃO?

INDA NUM SEI, MAI ARGUMA COISA ME DIZ QUI DEVO PROSEGUI IM FRENTE.

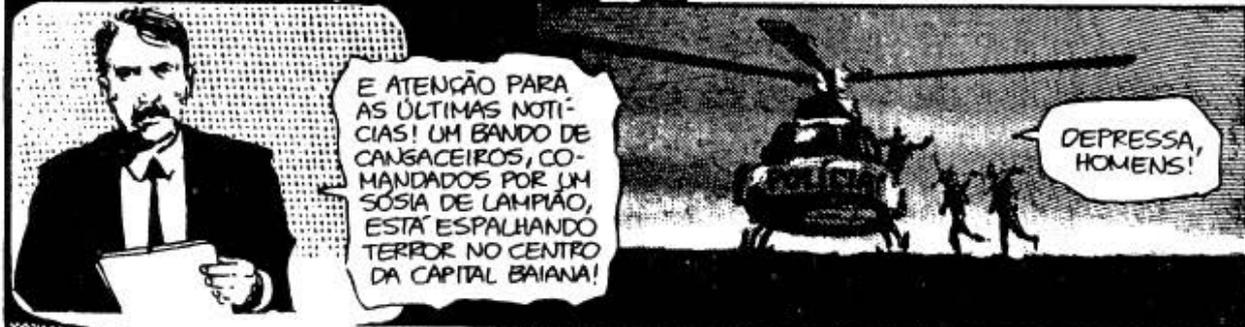
EI! VOCÊS AI! DESGAM DOS CAVALOS E LARGUEM AS ARMAS!



OS MACACO CHEGARÃO, CORISCO!

VAMO MOSTRA' A ELES QUI NINGUÉM FALA ASSIM CUM LAMPIÃO!





NO INS-
TITUTO...

NA MINHA OPINIÃO,
AS CABEÇAS DEVE-
RÃO CONTINUAR AQUI
PARA PESQUISAS
CIENTÍFICAS.

CONCORDO
PLENAMENTE
COM O DR.
SOARES.

HÁ MUITO TEMPO
QUE ISSO DEIXOU
DE TER VALOR
CIENTÍFICO PARA
SE TORNAR UMA
EXPOSIÇÃO GRO-
TESCA E DESUMA-
NA, SEM O MENOR
RESQUÍCIO
DE CIVILIDADE.

ESSE É O SEU
PENSAMENTO, DOUTOR.
NÓS TEMOS O NOSSO
E É ELE QUE VAI PREVA-
LECER, POIS SOMOS
MAIORIA. AS CABEÇAS
CONTINUARÃO
EM EXPOSIÇÃO.

E, NA RUA EM FRENTE...

LA' DEN-
TRO...



ELES ENTRARAM AQUI!
CERQUEM O PREDIO!



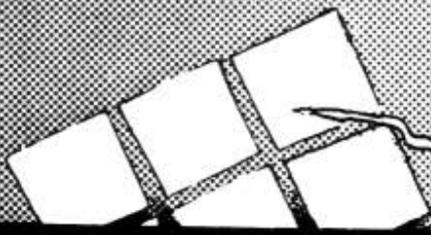
AS CABEÇAS SÃO UMA GRANDE ATRAÇÃO
CIENTÍFICA. ELAS NÃO SAIRÃO DAQUI!



TW!

O DOUTO
TEM
CERTeza
DISSO?

QUEM SÃO
ELES? DEVE
SER ALGUMA
BRINCADEIRA!
QUE DESEJAM?



CORTEM
A CABEÇA
DESSOS DOIS
CABRA!

QUANDO A POLÍCIA ENTRA...

ONDE ESTÃO OS CANGACEIROS?

SUMIRAM! SUMIRAM!

ELES CORTARAM AS CABEÇAS DESSES DOIS...



ANÉPICOS, SERGIPE, 28 DE JULHO DE 1938. 4h30 min. DA MANHÃ LÂMPIÃO E SEU BANDO DORMEM O SONO PROFUNDO DA MADRUGADA.



AO TÉRMINO DO TIROTEIO, DEZENAS DE CORPOS JAZEM NO CHÃO DA GROTA, INCLUSIVE O DE LÂMPIÃO.

AGORA, TENENTE BEZERRA?



É DA GENTE NUM ACRIDITA, MAS PARECE QUI O HOME TA'HORTO, TENENTE.

QUI HAVERA NESSE SACO QUI TA SEGURANO?

SÃO DUAS CABEÇA CORTADA NUM CONHEGO OS COITADO.

MAS ISSO INTE QUI ME DEU UMA IDEIA...

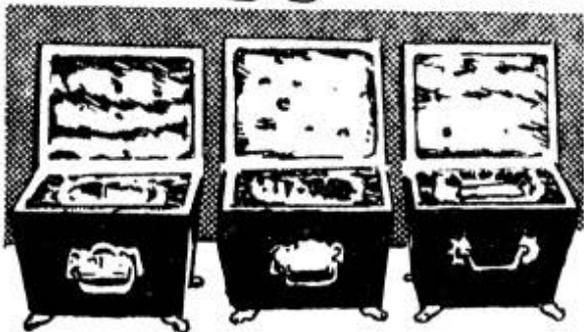
VAMO CORTA AS CABEÇA DE DEZ CABRA, CUMEGANO POR LÂMPIÃO!



AGORA, VAMO ACABA CUM ESSAS DISGRAÇA!



VAI SÊ MAIS FACIL PROVA QUE O BICHO TA MORTO.



NO DIA 24 DE MAIO DE 1969, O PROJETO DE LEI Nº 2.867 DETERMINOU O SEPULTAMENTO DAS CABEÇAS DOS CANGACEIROS.

E O CICLO FOI DESFEITO.



FIM

Maria, uma solteirona conscientizada

Além de roteirista e ilustrador, o jornalista HENRIQUE MAGALHÃES é pesquisador de histórias em quadrinhos, criou personagens como Maria e o Pavão Maravilhoso, entre outros. Como pesquisador de HQ publicou artigos especializados nos principais jornais do Estado.

Editou fanzines com suas personagens e as revistas Marca de Fantasia e Leve Metal, o suplemento de quadrinhos da revista Presença Literária. Henrique Magalhães é o autor de um livro sobre história das histórias em quadrinhos na Paraíba e criou as produções de quadros paraibanos,

através da PQP, e fundou a primeira biblioteca especializada em quadrinhos no Nordeste e um das poucas que existem no Brasil, a Gibiteca Henfil, instalada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, na avenida Presidente Kennedy, s/n – Tambauzinho, em João Pessoa, Paraíba.

MARCA

de Henrique Magalhães



ZEPINHA - MARIA - POMBINHA





MARCA

de Henrique Magalhães



O QUE?



Associação Paulista,
Associação Paraibana...



Se esta onda de Associa-
ção de Quadrinistas pega...



A Madame Corporeichon
aqui está frita!



Vou invocar a super
força do Super Homem,
a super velocidade do
Flash!



Os super sentidos do
Homem Aranha...



GOLPE BAIXO!
Me derrubar com
uma simples
rasteira!



172-84 Henrique Magalhães

MARGA

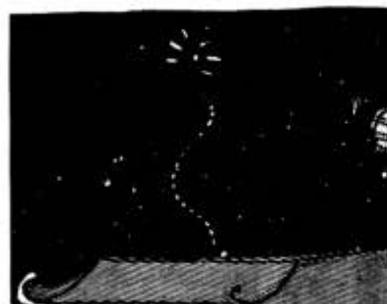
de Henrique Magalhães



O Conde, um vampiro neurótico

Como ilustrador nato, ANTONIO Gonçalves de Sá não cursou nenhuma escola de arte, o seu traço é personalizado onde o menos observador identifica o à primeira vista. Nasceu em 1954 na cidade de Santa Rita e é atualmente arte-finalista de agência de publicidade, tendo produzido capas e ilustrações para livros de consagrados escritores paraibanos e pernambucans. Além d'O Conde, o seu mais bem trabalhado personagem, Tônio criou ainda Angie uma garotinha muito meiga com rostinho delicado onde ela

mantinha sempre sempre diálogos com o autor. Tônio também publicou uma série de tiras ambientadas na RUADOMARCIANO – grafado assim mesmo, tudo emendado. Ele esteve um tempo no Sul do País, onde manteve contatos com Paulo Hamasaki, Zivaldo e outros artistas famosos. John Buscema, Fernandez, Joe Kubert, Frank Thorne, Monteiro Filho, Jaime Cortez e Maurício de Sousa são outros artistas que admira. – Para correspondência: Tônio de Sá – Rua Manoel Veloso, 190 – Bayeux – Paraíba.



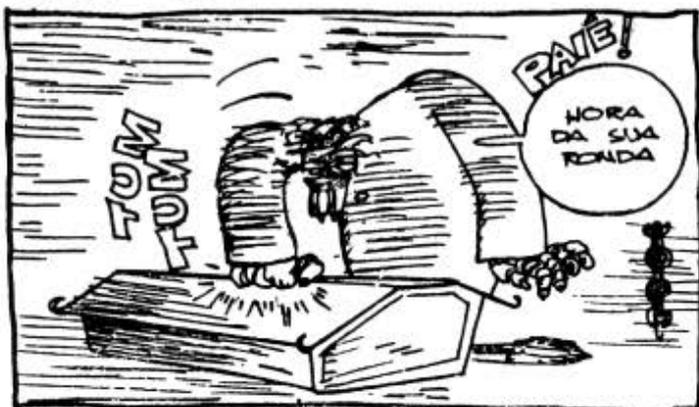
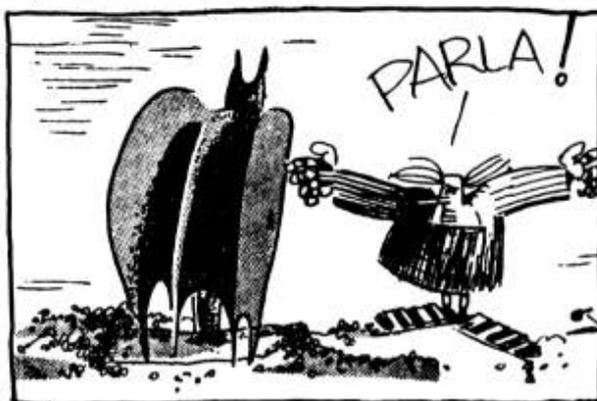
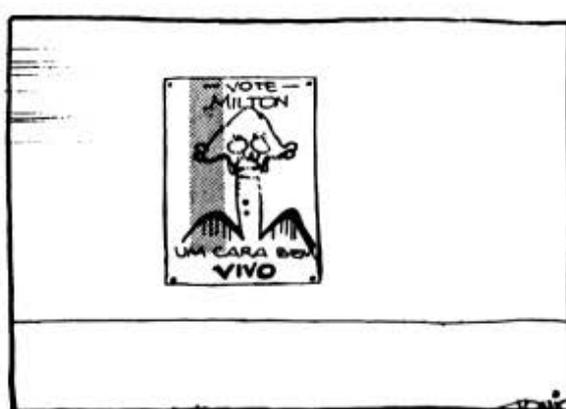
o conde

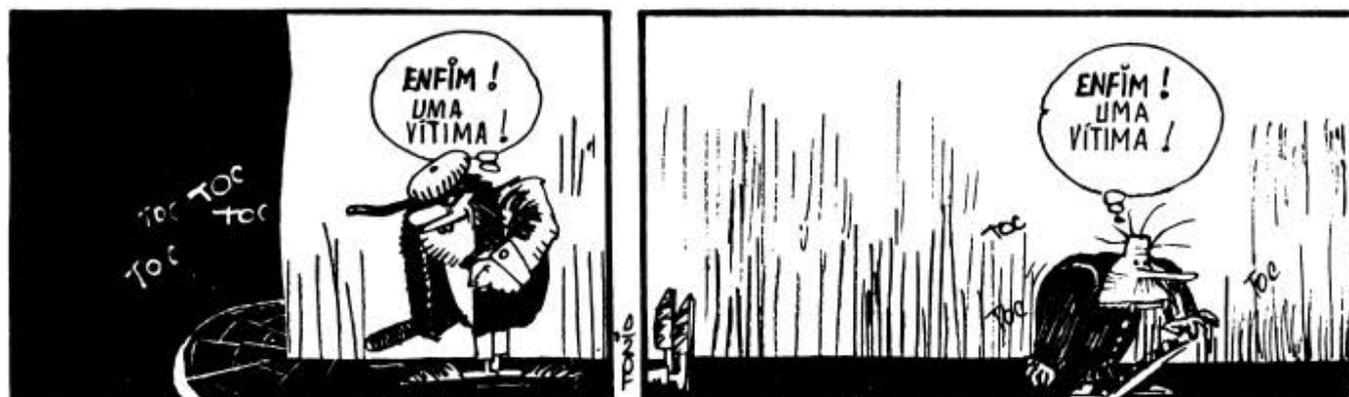
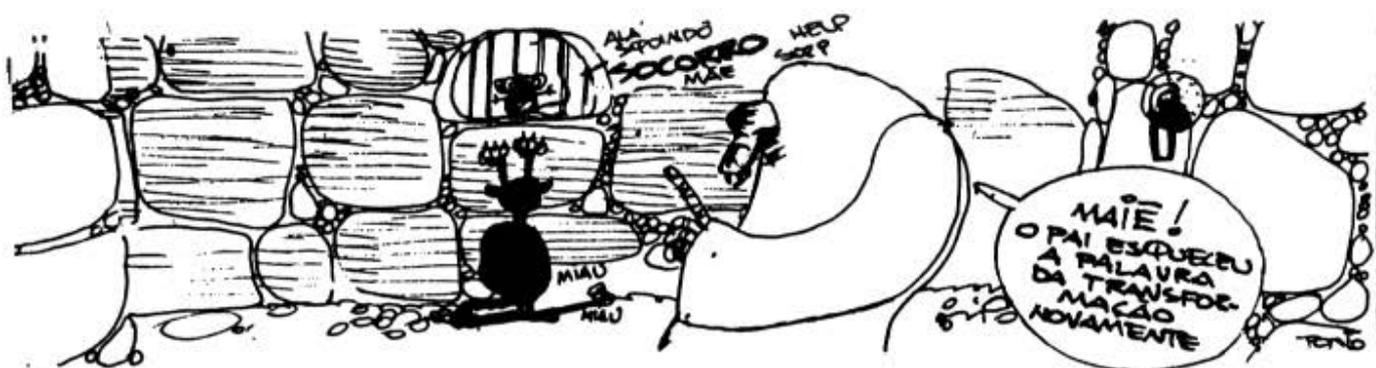
tônio & tenório



o conde

tônio & tenório



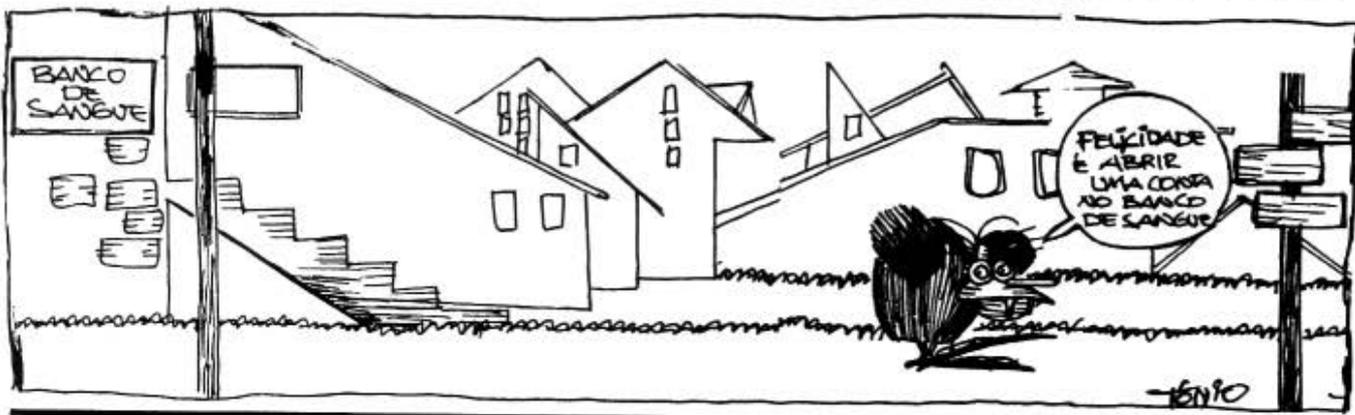
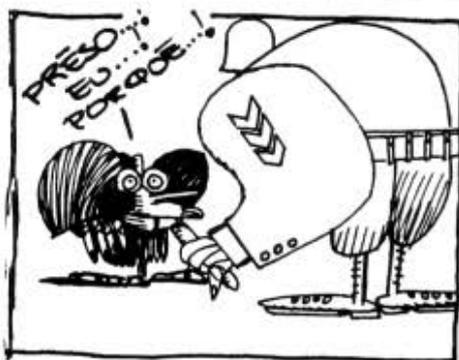
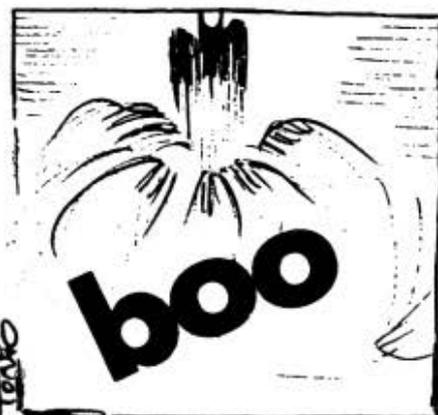


o conde

tônio & tenório



SHAM





Velta, uma loura boazuda

Dentre outras personagens, EMIR Ribeiro criou Velta em 1973 e continuou publicando-a até o ano seguinte. Em 1976 iniciou novas séries coloridas com Velta no suplemento 'O Pirralho', do jornal A União até 1981. Como revista própria, Velta foi editada em 1978. No ano Emir produziu desenhos, capas, portfólios, histórias escritas e desenhadas. Em 1983, comemorando os 10 anos de Velta, lançou uma revista em edição de luxo e colorida. Começou a editar o fanzine Minizine em 1986, com histórias de Velta, onde publicou cerca de 13 números. Em 1993 colaborou com 4 números de revistas da Editora Malibu (Califórnia) nos Estados Unidos, nas séries 'Protectors' e 'Man of War', e auxiliou na arte-final de backgrounds para três números de revistas da Editora Innovation, também dos EUA, nas séries 'The Executioner', 'Lost in Space' e 'Quantum Leap'. Com exposições no Espaço Cultural da Paraíba, na Aliança Francesa, na Academia de Comercio Epitácio Pessoa e na Universidade Federal da Paraíba, Emir comemorou os 20 anos de Velta, e publicou a edição comemorativa de criação da personagem. – Para contato: Emir Ribeiro – Rua Coelho Lisboa, 612 – Jaguaribe – CEP: 58001-970 – João Pessoa – Paraíba.





EMIR RIBEIRO

MINHA NOSSA, VELTA!!!
ESTE CARA IA MESMO
ME MATAR SÓ PORQUE
EU TINHA POUCO DINHEIRO
NA MINHA BANCA
DE REVISTAS!

VOCÊ APARECEU
BEM NA HORA!

CHAME
A POLÍCIA!

BANCA

VELTA
"ONDE ESTÃO ELES?"

QUANDO ELE
ACORDAR VAI
ESTAR TRANCA-
FIADO NO XADREZ!

APÓS UM BANHO,
EM SEU APAR-
TAMENTO...

O DONO DA BANCA
INSISTIU TANTO EM
ME PRESENTEAR
COM ESTAS REVISTAS
QUE TIVE DE
ACEITAR...!

UÉ?

BEM... EU
GOSTO DE
QUADRINHOS!
ENTÃO VOU
LER, SIM!

RAT-MAN
COM
MULHER -
MIRAVELHA
EM
PARQUE
CENOZÓICO

© 1993 - EMIR RIBEIRO









ESSA NÃO!! ESQUECERAM DE COLOCAR TODOS OS BALÕES DA REVISTA! AH! AH! AH! AH! AH!



Completei 20
aninhos nesse
ano de 1993
ouuuu
Assinado Nôto



EMIR
RIBEIRO
OUT/1993

ESTA HISTÓRIA SEM PÉ NEM CABEÇA É DEDICADA A TODO QUADRINISTA NACIONAL QUE É CONVOCADO A FECHAR UMA EDIÇÃO DENTRO DE DOIS DIAS E ... NÃO TEM NEM UMA BOA IDEIA PARA ROTEIAR ...! ISSO ACONTECE ...!

FIM

Bartolo, Lampirão, Ostradamus e tiras afins

Humorista, com produções de charges e caricaturas que são publicadas em diversos jornais paraibanos, CRISTOVAM TADEU criou personagens como Ostradamus, o profeta; Bartolo, o bebum; lampirão, o congaceiro pirado; e tiras com os 'baratos' e 'neuroses' afins, que são conhecidos por milhares de paraibanos. Com um traço inconfundível Cristovam Tadeu também produz shows de humor com imitações engraçadíssimas, passagem pela radiofonia e participações em comerciais na televisão. Recentemente reuniu suas melhores tiras e publicou uma coletânea com o título Quadrinhos Afins. Mas são nas tiras do Lampirão que Cristovam Tadeu usa e abusa da metalinguagem onde criador e personagem estão em constante conflito. Confira!



QUE FOI, AMOR?
TÁ NERVOSA?

NERVOSA UM [REDACTED]!!!
NÃO AGUENTO MAIS
AS SUAS [REDACTED]!
VOCÊ É UM TREMENDO
DE UM [REDACTED]!
E EU TÔ [REDACTED] DA
VIDA COM SUAS
FRESCURAS!!!

VAI Ô 'BOQUINHA
SUJA', FALA MAIS
UM QUE EU
TENHO UMA
TARJA
PRETA
SOBRAN
DO!

LAMPIRÃO,
EU TÔ COM
ASCO
DE VOCÊ!
SABE O QUE
É ASCO???

É DE
COMER?

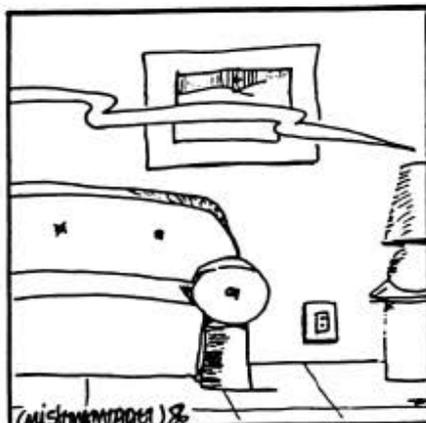
NINGUÉM
AGUENTA
MAIS VOCÊ!
JÁ TÁ
CANSANDO
SABE? ATÉ
HOJE NÃO
TEVE NADA
DE ESTÓRIA!

E EU TENHO
CULPA SE VOCÊ
NÃO CRIA
NADA QUE
PRESTE?

É. ISSO INCLUI
VOCÊ!
NÃO ME PROMETTE
QUE FAÇO UMA
COM
VOCÊ!

O QUE É ISSO?
VAI FAZER XIXI
AQUI??





**CHEGA!
CHEGA!
CHEGA!**

LAMPIRÃO

QUE FOI, AMOR?
TÁ NERVOSA?

NERVOSA UM [REDACTED]!!!
NÃO AGUENTO MAIS
AS SUAS [REDACTED]!
VOCÊ É UM TREMENDO
DE UM [REDACTED]!
E EU TÔ [REDACTED] DA
VIDA COM SUAS
FRESCURAS!!!

VAI Ô BOQUINHA
SUA, FALA MAIS
UM QUE EU
TENHO UMA
TARJA
PRETA
SOBRAN
DO!

LAMPIRÃO,
EU TÔ COM
ASCO
DE VOCÊ!
SABE O QUE
É **ASCO??**

É DE
COMER?

NINGUÉM
AGUENTA
MAIS VOCÊ!
JÁ TÁ
CANSANDO
SABE? ATÉ
HOJE NÃO
TEVE NADA
DE ESTÓRIA!

E EU TENHO
CULPA SE VOCÊ
NÃO CRIA
NADA QUE
PRESTE?

É. ISSO INCLUI
VOCÊ!

NÃO ME PROIUBE
QUE FAÇO UMA
COM
VOCÊ!

O QUE É ISSO?
VAI FAZER XIXI
AQUI??



QUER DIZER QUE
DEPOIS DA "CAGADA"
DE ONTEM VOCÊ
NÃO VAI SAIR
DAÍ?

NÃO!

O QUE É QUE HÁ,
LAMPIRÃO, VOCÊ
NUNCA TEVE ESSAS
FRESCURAS...

É QUE EU
TÔ FORA
DE FORMA!

DEIXA DE COISA, CABRA!
EU VOU PUXAR ESSE
QUADRINHO E VAI
TODO MUNDO TE VER!

NÃO SE
ATREVA!

NÃO? PIS EU
VOU PUXAR!

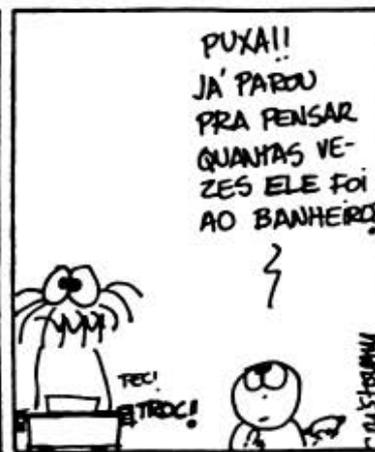
NÃO FAÇA ISSO!
VOCÊ NÃO VAI
GOSTAR DO
QUE VAI VER!

LÁ VAI!!

ÔÔÔPS!

TÔ COM DOR DE
BARRIGA!

TEM PAPEL A?









LEVE METAL: UMA PRESENÇA DOS QUADRINHOS NA PARAÍBA



A revista Leve metal que circulou na Paraíba como encarte da publicação cultural Presença Literária nos anos de 1984/85, foi sem dúvidas um marco significativo nos quadrinhos paraibanos.

Aberta a todas as tendências, suas páginas colheram tanto iniciantes como autores e desenhistas já consagrados, dando ao leitor um panorama geral da arte dos quadrinhos da Paraíba desse tempo.

Editada pelo Governo do Estado, através da Secretaria da Educação e Cultura, sob a responsabilidade de Henrique Magalhães, Juca Pontes e Deodato Borges, Leve Metal foi um espaço válido para a experimentação técnica e ideológica, e em sua vida, mesmo curta, firmou-se como uma publicação de peso que hoje é fonte de consulta obrigatória para quem pretende escrever a história das HQ no Estado.

Fora de circulação, a revista é hoje uma raridade, nas mãos de

poucos colecionadores que teimam em manter viva a imagem dos quadrinhos na Paraíba, que hoje já passou da fase experimental e tem nomes de destaque no cenário nacional e internacional.

A Leve Metal proporcionou a criação da Associação dos Quadrinistas Paraibanos entidade que se serviu de suas páginas para reivindicar, defender os interesses dos quadrinhos paraibanos e nacionais na batalha pela conquista de espaços nos jornais diários, bem como a divulgação e difusão dos quadrinhos, além de criação de espaços permanentes para a criação e arquivo da produção quadrinizada no Estado.

No bojo da veiculação de Leve Metal surgiu a idéia e a criação de Henrique Magalhães: a Gibiteca Henfil, que ainda hoje está em funcionamento nas dependências do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa.



No período em que era editada Leve Metal comandou um movimento no meio quadrinista que proporcionou a produção de revistas como Gran Circus e das séries de autores Emir Ribeiro (Velta), Henrique Magalhães (Maria e HQ).

Vale lembrar que na efervescência do movimento aconteceu o Seminário Os Quadrinhos em Revista, uma abordagem interdisciplinar onde foram debatidos temas como: educação e quadrinhos; O Unívselo de Maulício de Sousa; Ideologia e Quadrinhos; Cultura e Quadrinhos; Os Quadrinhos na Paraíba; Sociologia e Quadrinhos; Quadrinhos na Escola; e a Psicologia e os Quadrinhos. Esse evento aconteceu em João Pessoa de 10 a 15 de setembro de 1984, em João Pessoa e de 31 de agosto a 6 de setembro daquele ano, sob a coordenação de Silvano Bezerra, com apoio da UFPB e Governo do Estado.

A UNIÃO FICOU PARA CONTAR A HISTÓRIA

O século ia passando quando a União circulou pela primeira vez em 1893. A Paraíba passava então a contar com um jornal onde enfeixar sua história, uma história de resistência e de bravura.

A União foi à guerra em 1914 e trazia pelo "telegrapho" as novidades dos frios campos franceses. Passou a guerra, mudou o mundo e A União continuou a ser notícia, a fazer e viver o cotidiano da província, um cotidiano que abalou-se em trinta com a morte de João Pessoa. A União foi o porta voz daquele momento de convulsão, um intérprete fiel do sentimento que abalou a nação e convulsionou o Brasil.

A União entrou nas caatingas, no rastro do cangaço e noticiou a morte de Lampião como o fim de uma era de violência. Mas na Alemanha a violência era maior do que o desejo de paz e o mundo viu-se novamente engolfado numa guerra que A União trouxe aos seus leitores.

Mais do que um jornal, A União foi o ponto de partida para as letras nacionais. Das suas páginas partiram José Américo de Almeida e o moleque Zé Lins.



Nas suas páginas os primeiros ensaios do grande poeta do "EU" Augusto dos Anjos.

Passou a era de Getúlio, tragicamente encerrada com um tiro, a bola balançou por três vezes a rede dos gringos até que o Brasil conquistasse a fama de Tri-Campeão de Futebol.

O homem passeou na Lua e os computadores passaram a ditar a vida do homem na terra. O poderio americano passou mal no Vietnã, a ditadura, como uma sombra negra, assustou o Brasil até consumir-se no verde-amerelo das diretas e na redemocratização. Gorbachev fez o comunismo passar à história e a Aids chegou como o mal do século. Os bebês saíram do ventre para as profetas e os costumes se modificaram.

Um século se passou, mas A União ficou para contar a história.

A nossa história.

A UNIÃO

1893-1993



Um Século de História



CONTINUA SEUS DIÁRIOS